Acervo ISA

18/1/98 Pg A-12
NOROOO 71

O ESTADO DE S. PAULO
GERAL

AMBIENTE

Corredores 'verdes' devem cobrir 20% do País

Projeto do Ibama busca preservação da biodiversidade em sete grandes áreas do País

LIANA JOHN

A famosa e exuberante biodiversidade brasileira não será de fato preservada, a longo prazo, com os parques e reservas legalmente estabelecidos. Nem mesmo se todos passarem do papel para a realidade. Isso porque ainda faltam conexões físicas entre essas áreas protegidas para assegurar o trânsito de espécies e, conseqüentemente, a diversidade genética e a capacidade da flora e fauna sobreviverem a mudanças climáticas. Para tornar viáveis essas conexões, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e uma equipe de consultores está acertando os detalhes finais dos Corredores Ecológicos das Florestas Neotropicais do Brasil.

O projeto será entregue aos financiadores no fim de fevereiro, para apreciação em março. Já estão previstos cerca de US$ 40 milhões, do Banco Mundial e do banco alemão KFW, para aplicação em cinco anos, com uma contrapartida do governo brasileiro de outros US$ 4 milhões a US$ 5 milhões. Os corredores ecológicos integram o Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras, o PP-G7.

"Os corredores não são um novo tipo de unidade de conservação e não implicarão em mudanças na legislação", explica Gilberto Sales, do Ibama. "São uma forma inovadora de gestão, por meio de conselhos e articulações interinstitucionais, para buscar uma unidade entre parques e reservas federais, estaduais, municipais, privadas e áreas indígenas."

Sales reconhece ter diante de si uma tarefa gigantesca, mas espera contar com a parceria de prefeituras, órgãos de Estado e organizações não-governamentais, dando a eles assento e co-responsabilidade nos conselhos de gestão.

ESTÃO PREVISTOS EMPRÉSTIMOS DE US$ 40 MILHÕES

Resposta – Os corredores ecológicos foram desenhados para proteger de 70% a 80% da biodiversidade das florestas tropicais brasileiras, numa área correspondente a 20% do território nacional. São sete grandes corredores: cinco na Amazônia e dois na mata atlântica. Os corredores centrais de cada floresta funcionarão como piloto. "Não é uma meta ambiciosa demais e atinge um número significativo de espécies", argumenta Gustavo Fonseca, da Conservation International, consultor do projeto.

"Mesmo antes de o projeto ser instituído, estamos obtendo respostas positivas", acrescenta Fonseca. Segundo ele, o Parque Estadual de Amanã, o maior do Brasil, foi criado pelo governo do Amazonas em cima do primeiro corredor da Amazônia, concorrendo para a conexão entre áreas federais e indígenas. No Corredor Central da Mata Atlântica já se discute o destino da Reserva de Linhares, da Vale do Rio Doce, após a privatização. A área de Linhares é contígua à do Parque de Soretama. Juntas, formam a maior mancha de mata atlântica preservada do Espírito Santo.

Na Amazônia, os corredores abrangem grandes extensões, no sentido leste-oeste, e incluem as áreas de endemismo. Nas áreas de endemismo vive um grande número de espécies endêmicas, que estão mais sujeitas a desaparecer porque só existem naquele local.

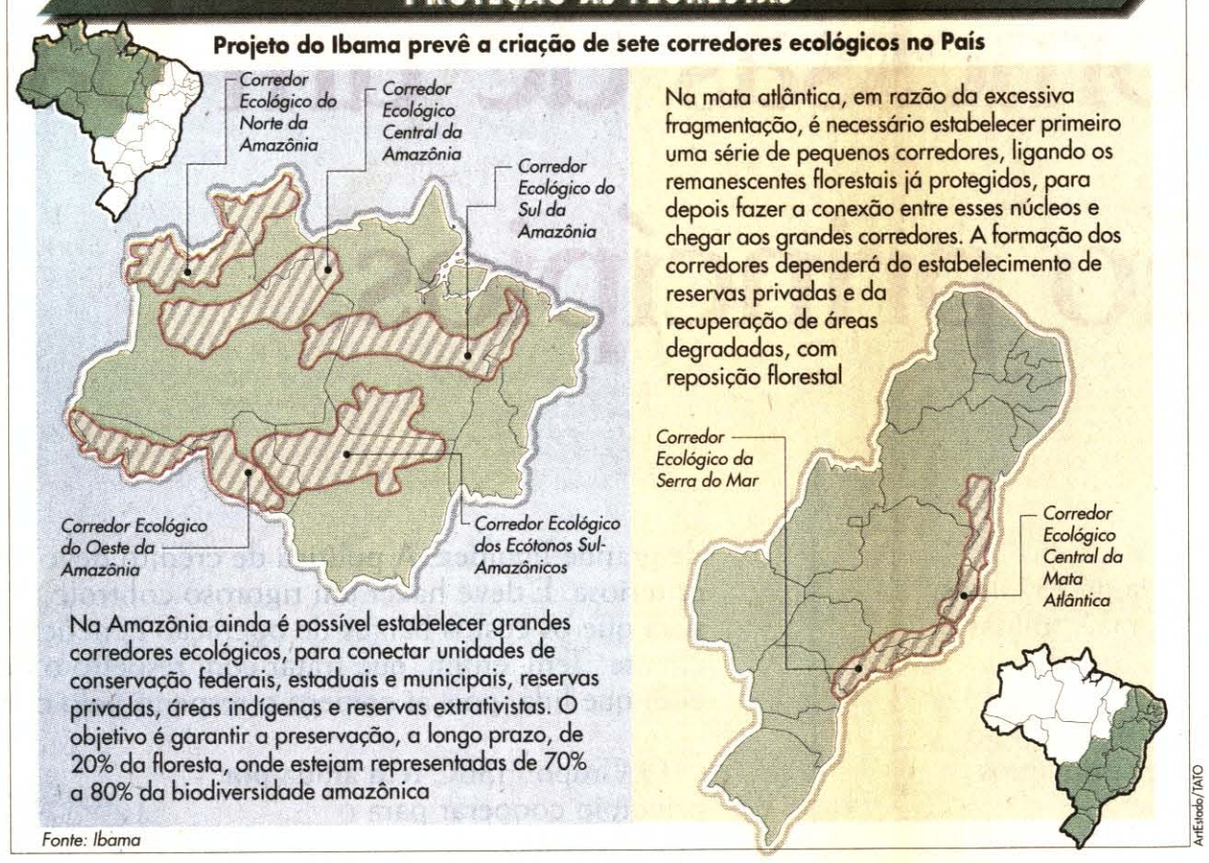
Na mata atlântica, a preocupação é tornar viável a união dos remanescentes com algum grau de continuidade e com a perspectiva de recuperar áreas degradadas ou contar com reservas particulares. Os grandes corredores da mata atlântica comportam blocos menores, nos quais a conexão entre áreas protegidas seria mais imediata.

Risco – Quando uma floresta é ilhada, mesmo que a área seja grande, reduz-se a quantidade de ambientes disponíveis para a sobrevivência de longo prazo das espécies. Quanto menor e mais isolado é o fragmento, mais se reduz a biodiversidade, isto é, a quantidade de espécies animais e vegetais e ecossistemas relacionados.

A fragmentação excessiva e a conseqüente transformação de uma floresta contínua em várias "ilhas" de mata reduz também a possibilidade de troca genética entre as populações de animais, ou a diversidade genética. Nas "ilhas", a reprodução dos animais dá-se entre parentes próximos, resultando numa alta taxa de consangüinidade. Com isso, a espécie fica mais suscetível a alterações ambientais ou doenças e mais ameaçada de extinção.

PROTEÇÃO ÀS FLORESTAS

Projeto do Ibama prevê a criação de sete corredores ecológicos no País



Fonte: Ibama

ArtEstado/TATO

Prioridades dividem pesquisadores

Ambientalistas e pesquisadores são unânimes em destacar a importância dos corredores ecológicos. Mas divergem quanto às prioridades:

Cláudio Pádua, Universidade de Brasília: "Os corredores são importantíssimos, mas de difícil execução. Sobretudo na mata atlântica, onde a fragmentação é muito grande. As populações ilhadas sofrem com a consangüinidade excessiva e os corredores são fundamentais para o cruzamento genético dessas populações."

Tom Lovejoy, Smithsonian Institution: "São importantes para proteger a biodiversidade a longo prazo, sobretudo face às mudanças climáticas. Também são cruciais para manter o ciclo hidrológico da Amazônia. Porém há dificuldades: os corredores de conservação cruzam com os de desenvolvimento, demonstrando que as autoridades de cada área ainda não conversam entre si. O Brasil também tem problemas com manejo, mas pode superá-los, se os corredores forem realmente uma prioridade."

Mário Mantovani, SOS Mata Atlântica: "Não descarto a importância dos corredores, mas temo que todos os esforços e recursos sejam direcionados para as duas áreas escolhidas, onde estão só 3% dos 8% remanescentes da mata atlântica. As conexões têm mais chance de ocorrer nessas áreas, mas, justamente por isso, a prioridade deveria estar nas regiões excluídas." **(L.J.)**

Wilson Pedrosa/AE

Thomas Lovejoy: "prioridade"

Proposta busca preservar ecossistemas a longo prazo

Áreas interligadas garantiriam migração e sobrevivência da fauna e da flora

Os corredores ecológicos não envolvem apenas a preocupação com a biodiversidade e a diversidade genética, mas também a preservação, a longo prazo, dos próprios ecossistemas. "As conexões entre reservas são importantes, diante da perspectiva das mudanças climáticas, que alterarão a vegetação e os hábitats", diz Tom Lovejoy, da Smithsonian Institution.

Na evolução das florestas, a migração das espécies e a sobrevivência da vegetação e dos hábitats sempre teve estreita ligação com o clima. A floresta amazônica já se contraiu e expandiu várias vezes, nas glaciações e interglaciações, até chegar aos limites atuais, estabilizados apenas aparentemente.

ESTUDO PREVÊ INUNDAÇÃO DE PARQUE

Extinção – No passado, porém, não havia a fragmentação artificial da floresta e a vegetação e os animais podiam migrar, na latitude e na altitude. Mesmo assim, ocorreu a extinção de espécies que migraram na direção errada ou colonizaram hábitats inviáveis para elas.

Hoje, essa migração natural seria barrada pelas cidades e fazendas em volta dos parques e das reservas. E o ecossistema inteiro poderia simplesmente desaparecer, independentemente da proteção humana.

"As aves voariam de uma ilha de mata para outra, mas sobreviveriam no local de chegada?", pergunta Evaristo Eduardo de Miranda, do Núcleo de Monitoramento Ambiental. "Gerações e gerações de insetos ou de sapos seriam incapazes de transpor cadeias de montanhas e mesmo milhares de árvores jamais lançariam uma semente contra o vento ou rio acima", explica ele. "De que forma milhões de microrganismos atravessariam solos inadequados para chegar à área de preservação?"

Segundo ele, nesses casos, a migração dependerá dos corredores ecológicos, "desde que esses contemplem a perspectiva das mudanças climáticas e demais conseqüências do aquecimento global da atmosfera".

Ensaios – O Núcleo de Monitoramento Ambiental vem realizando alguns ensaios para visualizar o que aconteceria com as unidades de conservação brasileiras, no cenário esperado das mudanças climáticas.

O estudo ainda é preliminar, mas parques imensos, como o do Jaú, no Corredor Ecológico Central da Amazônia, ficariam submersos num grande lago, se o nível dos oceanos viesse a subir – como se prevê – e bloqueasse o Rio Amazonas.

"É vital, portanto, garantir meios para a fauna e a flora do Jaú migrarem", conclui Miranda. "Uma alternativa para isso certamente são os corredores ecológicos bem localizados."